
A DIALÉTICA DO HOLOCAUSTO

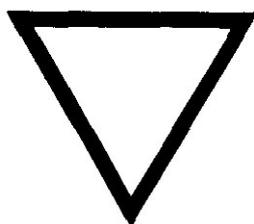
Bernardo Sorj

A identificação entre sionismo e instituições judaicas não é um fenômeno constante e natural na história do judaísmo moderno. Ele surge num momento histórico específico e se cristaliza nas últimas décadas. Este artigo é uma reflexão sobre esse processo, ao mesmo tempo que procura mostrar a necessidade de uma nova inflexão que viabilize o pluralismo ideológico na vida judaica.

O holocausto

O sionismo — criação de um lar nacional judeu em Israel — surge como *uma* das respostas do judaísmo secularizado do fim do século passado aos novos problemas sociais e de identidade cultural que coloca a ascensão da civilização capitalista. Outra solução é formulada no seio da massa judia da Europa Oriental, pelo *Bund*, numa proposta que une o socialismo à autonomia cultural nos países da diáspora; no entanto, na Europa Central e Ocidental a tendência dominante é o assimilacionismo, ou seja, a integração aos padrões culturais da sociedade gentil, através da conversão ou então do ateísmo.

O sionismo, o *Bund* ou os assimilacionistas, embora representassem segmentos relevantes do povo judeu não controlavam nem expressavam a base demográfica e cultural do judaísmo da época, que se localizava na Europa Oriental. Os judeus que nasceram na entrada do século ainda se encontravam, na sua maioria, sob influência das instituições religiosas tradicionais. Sem dúvida, a aldeia judia tradicional começava a ser perpassada pelas tendências ideológicas da modernidade. Ainda assim, o judaís-



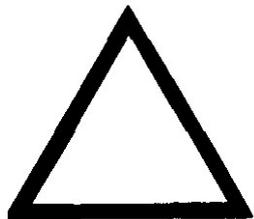
mo religioso, em grande medida à margem das tendências ideológicas secularizantes, permanecia como o pólo organizador da vida judia na diáspora.

Na metade do século que precede a Segunda Guerra Mundial, a emigração de milhões de judeus da Europa Oriental para o novo mundo reestruturaram, sem dúvida, as características do judaísmo tradicional. Ainda assim, o judaísmo norte-americano não apresentara nenhuma inovação notável nas tendências reinantes no judaísmo na época. Será o holocausto com sua violência inaudita que acelerará e transformará o processo de recriação de identidade do povo judeu nesta segunda metade do século.

O nazismo em forma atroz e terrível realizou em poucos anos a transformação da estrutura demográfica, social e cultural do povo judeu, que embora já se estivesse processando, não culminaria necessariamente na identificação crescente e, por vezes total, entre sionismo e judaísmo.

Demograficamente o holocausto implicou na transformação do mundo ocidental — em particular dos Estados Unidos — no novo pólo de concentração do povo judeu. Culturalmente, significou a eliminação física da maioria das lideranças religiosas tradicionais (o emigrante judeu do pós-guerra em geral não pertencia à elite cultural religiosa). A liquidação dos tradicionais povoados com alta concentração de judeus reduziu a eficácia dos mecanismos de controle social das instituições sobre a coletividade.

O genocídio marcou profundamente o restante do povo judeu. A identidade judia foi — pelo menos para as gerações que viveram diretamente o holocausto — marcada e transtornada em forma irre-



versível. Será em torno do holocausto que se formará a identidade judia do pós-guerra. E, como veremos, será o sionismo o movimento capaz de catalizar para si a força mobilizadora decorrente da tragédia nazista.

A sionificação do judaísmo

O sionismo do pós-guerra apresentou-se como a força melhor colocada para canalizar o impacto do Holocausto, seja por méritos próprios, seja pela inviabilidade de outras correntes. Assim, foi a tendência assimilacionista que mais sofreu ideologicamente com o genocídio: o hitlerismo "mostrou" a sua impossibilidade. Os refugiados da Alemanha nazista viveram o drama de uma total confusão e divisão mental entre a cultura germânica e a barbárie nazista. O assimilacionismo burguês não teve chances de transformar-se numa proposta viável de reconstituição da identidade judia. Por seu turno, a antiga geração de esquerda sofreu um acelerado processo de desintegração: quando não abandonava simplesmente os antigos ideais pela ascensão social no novo mundo, devia encarar o impacto do fracasso da União Soviética na sua política nacional e o anti-semitismo bolchevique uma alternativa marginal para o judaísmo da diáspora.¹ Os antigos *bundistas*, na maioria, se transformaram em sionistas arrependidos.

A religião não foi golpeada apenas materialmente, pela eliminação de parte importante de suas lideranças. Também ideologicamente ela entrou num período crítico. Por um lado, os judeus do novo mundo se integraram numa cultura laica e num contexto de vida urbana. Por outra parte, o genocídio gerou um desconsolo e perda de fé na maioria dos que viveram esse período. Assim, o povo judeu sobrevivendo do trauma provocado pelo genocídio, viu bloqueada a via de um retorno ao passado pelo revivalismo religioso.

Com o fim da guerra, o sionismo passa a ter um novo campo de atuação prática. Em primeiro lugar, existe uma massa de refugiados da Segunda Guerra que não tem para onde ir, e para a qual os dirigentes sionistas apresentam uma solução: a Palestina.² Em segundo lugar, o holocausto e a massa de refugiados judeus na Europa se transformaram num argumento mobilizador para a criação do Estado de Israel e será sob a influência

destes argumentos que a maioria dos países da ONU votou neste sentido, no ano de 1947.

Além dos seus efeitos políticos imediatos, foi em termos ideológicos mais profundos que o sionismo se apresentou como resposta aos problemas colocados pelo genocídio nazista. Israel foi defendido como única fonte de segurança para um povo perseguido, e como uma base de identificação das massas laicas com o judaísmo.

Ainda assim, a identificação entre as instituições judias e o sionismo não foi imediata. Houve um processo gradual no decorrer do qual os centros culturais e as organizações da diáspora foram penetrados por líderes formados ou enviados por Israel. Assim, as escolas judias tradicionais, que tinham no *idish* a sua língua básica, desapareceram para dar lugar a escolas judaicas sionistas — religiosas ou não. Por sua vez, os judeus religiosos foram se integrando rapidamente na organização sionista (cabe lembrar que até a criação do Estado de Israel, o judaísmo religioso na sua maior parte se manteve à margem, quando não foi hostil, do movimento sionista).

A atuação sionista — é importante ressaltar — não se reduziu a uma ocupação eficaz de espaços pelos aparelhos ideológicos israelenses. O sionismo apareceu, para grande parte da juventude judia laica à procura de identidade, como a grande resposta que unia o sentido prático à empresa, com tonalidades utópicas, de construir um país fundado na justiça social.

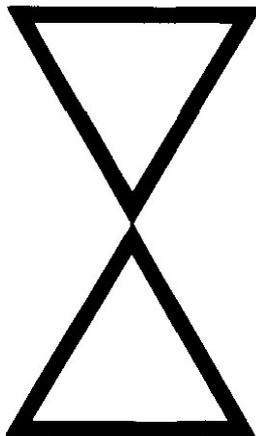
A israelização do sionismo

Ao mesmo tempo que o judaísmo se sionificava o sionismo se israelizava. Originalmente expressão de grupos diversos da diáspora judia, o sionismo, com a criação do Novo Estado, passou a ter seu centro de decisão e de formulação ideológica na estrutura do poder de Israel.³ Neste contexto, as instituições judias da diáspora se transformaram em órgãos de transmissão da política externa de Israel. O complexo de culpa por não estar na "linha de frente na defesa do refúgio nacional" inibia as possibilidades de criticar os governos israelenses.

O maior paradoxo do movimento sionista do pós-guerra é sua relação com o holocausto. O *Estado de Israel se apresentou como a única defesa do povo ju-*

¹ A nova geração de esquerda das últimas duas décadas, em particular na América Latina e na Europa, não dedica ao judaísmo um lugar importante nas suas reflexões. Sua identidade e ativismo se darão geralmente à margem das instituições judias.

² Usamos aqui o termo Palestina sem nenhuma conotação ideológica: era esse o nome do território sob mandato britânico e esse o nome que aparece, inclusive, nos documentos oficiais do movimento sionista da época.



³ Isto, obviamente, não implica que tenham deixado de existir expressões secundárias espontâneas de um sionismo diaspórico. Muitos de nós vivemos diretamente a experiência da "incompreensão" dos enviados de Israel, por ter um discurso que expressava as condições de parte da juventude judia na diáspora, mas destoava totalmente daquele no qual se tratava de socializar a juventude israelense, conforme a ideologia dominante em Israel e adequada à condição de guerra permanente.

deu frente a futuras perseguições, ao mesmo tempo que mobilizou o apoio do povo judeu face ao perigo de sua eliminação física pelos árabes. Assim, num movimento confuso são manipuladas duas idéias: a de refúgio nacional e a de coletividade judia à beira do extermínio. É esta última, a grande força mobilizadora do apoio e da identificação do judaísmo com o sionismo. Foram as guerras de 48, 55, 67 e 73 os grandes momentos da crescente identificação entre Israel e o povo judeu.

A ambigüidade do discurso sionista reflete, sem dúvida, a própria realidade histórica da criação do Estado de Israel. Pensando como resposta à perseguição dos judeus na diáspora, as condições de sua criação levaram o povo árabe a desejar a destruição, senão a eliminação física de Israel. Recriando o perigo de um novo genocídio, as lideranças árabes desde a criação do Estado de Israel até período recente, reforçaram e fortaleceram os laços e a dependência mútua entre o Estado de Israel e o Povo Judeu.

A tensão necessária

Pensamos que identificação automática e quase total entre o judaísmo da diáspora e o Estado de Israel só pode ser prejudicial — e inclusive destrutiva — para o povo judeu, e extremamente nociva para Israel.

A "especificidade" do povo judeu e produto não de qualidades inatas e sim de condições históricas dadas. É na diáspora, quando o povo judeu é despojado de condições de exercer um verdadeiro poder político-militar e sofre perseguições periódicas, que surge e se afirma sua imagem humanista. Não que tenham faltado judeus identificados com o obscurantismo. Mas, nas suas instituições, na vida cotidiana de suas massas, o judaísmo afirmou o respeito ao estudo e à vida pacífica. Não podia ser diferente com um povo que, impotente, sofria na própria carne todo tipo de intolerância e perseguição.⁴

Com a criação de Israel esta situação mudou, recriando contextos que o povo judeu já viveu na antigüidade. Na conquista sangrenta de Jericó por Josué ou no imperialismo proselitista da dinastia Macabea os judeus abrigaram em seu seio — como todo povo "normal" — tendências que acreditaram na força das

armas e que aprovaram a opressão de outros povos.

Israel, atingindo o ideal sionista da "normalização" do povo judeu, tornou possível e liberou as forças que hoje, infelizmente, dominam o governo e grande parte da opinião pública do país. Existem em Israel os continuadores da "tradição judaica". E só é de desejar que a imagem da tradição passada pese na reafirmação das tendências humanistas. Israel, porém é, e não poderia deixar de ser, um país dividido. Perante esta divisão, o povo judeu não pode deixar de assumir uma posição definida, sob pena de trair a sua herança e identidade mais profundas.

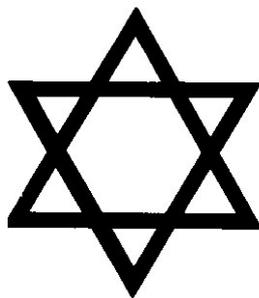
Enquanto Israel se normaliza, o povo judeu na diáspora continua a manter suas condições de existência específicas. Enquanto elas persistirem, persistirá, na forma que seja, o espírito humanista do povo judeu. Pedir a identificação a-crítica com o Estado de Israel é violentar o judaísmo, exigir que os judeus se identifiquem com exército, polícia e um Estado que exerce a repressão político-militar.

A posição dos judeus perante Israel só pode ser a de uma atitude crítica frente a todo ato de intolerância, de perseguição e de opressão. Pelos laços naturais que ligam Israel ao povo judeu esta atitude só pode ser de vigilância constante e redobrada.

Quando os grupos nacionalistas fanáticos enfrentaram Roma, num combate mortal, no primeiro século de nossa era, foi a atitude do rabino Iochana Ben Zaccai de retirar-se da luta que permitiu a sobrevivência do povo judeu. Hoje, quem quiser ajudar Israel deverá lutar ao lado daqueles grupos que representam a tradição de paz e tolerância. Isto não é simplesmente um imperativo moral. A continuação da guerra só criará desgarramentos crescentes no povo judeu. A paz, a partir de um reconhecimento mútuo israel-palestino, permitirá aos judeus da diáspora livrar-se da identificação doentia com Israel. Em Israel se fortalecerá a visão de um papel progressista do país no Oriente Médio. Aí sim, o Estado de Israel e parte do povo judeu, sem justaposições e identificações imediatas, poderão caminhar juntos.

Bernardo Sorj é sociólogo e professor no Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Novos Estudos Cebrap, São Paulo,
v. 2, 2, p. 28-30, jul. 83**



⁴ Se nos poderá, justamente, argumentar que estamos apresentando uma visão idílica do povo judeu na diáspora. Sem dúvida, a teologia judaica contém certos elementos que podem levar à visão xenofóbica preconceituosa do não-judeu. Estes elementos existem e são um componente importante da atual ideologia do Estado de Israel. Ainda assim, acreditamos que não chegam a invalidar nosso argumento.